
Fenomenologia e filosofia analítica: O encontro de G. Ryle e M. Merleau-Ponty

Phenomenology and Analytical Philosophy: The meeting of G. Ryle and M. Merleau-Ponty

DOI: 10.12957/ek.2022.60827

Sâmara Araújo Costa¹

Universidade do Porto

samara.araujo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2157-2994>

RESUMO

Pretendemos mostrar semelhanças e diferenças nas análises realizadas em alguns dos trabalhos de G. Ryle e M. Merleau-Ponty. Ambos recorrem a uma espécie de clarificação de conceitos mentais a partir da descrição da experiência. Algumas das diferenças envolvem a noção de significado, uma vez que em Ryle essa noção é mais restrita à linguagem e as descrições referem-se essencialmente à experiência da linguagem. Merleau-Ponty trabalha com uma noção mais ampla de significado que é proveniente de uma experiência pré-linguística, pré-reflexiva, o que requer o emprego de uma linguagem fenomenológica específica.

Palavras-chave: Ryle. Merleau-Ponty. Filosofia da linguagem. Filosofia analítica. Fenomenologia. Fenomenologia da linguagem.

ABSTRACT

We intend to point out similarities and differences in the analyses carried out in some of the works of G. Ryle and M. Merleau-Ponty. Both employ an attempt to clarify mental

¹ Bacharela em Filosofia pela UFMG, mestra em Filosofia pela Universidade do Porto e doutoranda em Filosofia pela mesma instituição.

concepts from the description of experience. Some of the differences refer to the notion of meaning. In Ryle the notion is more narrowly restricted to language and his descriptions are aimed primarily at the experience of language. Merleau-Ponty supports a broader notion of meaning that comes from a pre-linguistic, pre-reflexive experience, which requires the use of a type of phenomenological language in his description of the experience.

Keywords: Ryle. Merleau-Ponty. Philosophy of Language. Analytical Philosophy. Phenomenology. Phenomenology of language.

Introdução

É importante para nós percebermos algumas sutilezas que distinguem a análise filosófica de Gilbert Ryle e Maurice Merleau-Ponty. Estes são dois filósofos que pertencem a distintas tradições, mas ao mesmo tempo assemelham-se em muitos aspectos. Iremos comparar mais especificamente os seus trabalhos em *The Concept of Mind* (1949) e *Fenomenologia da Percepção* (1945).

Gilbert Ryle foi um filósofo britânico, proveniente de uma tradição de filósofos da linguagem, leu G. E. Moore, L. Wittgenstein, B. Russel. Investigou problemas relacionados à filosofia da mente, filosofia da linguagem, entre outros. Circulava muito mais no meio dos filósofos anglo-saxônicos. Ele também leu filósofos de outras tradições como Descartes, Husserl e Heidegger. O próprio Ryle afirmou no Colóquio em Royaumont que não gostaria de se enquadrar em qualquer tradição filosófica, e realmente é um filósofo difícil de rotular.

M. Merleau-Ponty foi um filósofo da tradição em fenomenologia, numa linha sucessiva de Husserl a Heidegger, pois tentou continuar o trabalho feito por estes autores. Mas também era contemporâneo de J. P. Sartre, entre outros importantes intelectuais franceses de sua época. Seu trabalho abrange estudos em comportamento, percepção, e também um tipo particular de ontologia em suas últimas pesquisas.

É importante salientar que Ryle e Merleau-Ponty eram contemporâneos e se dedicaram à análise de muitos temas comuns. Por exemplo a sensação, a imaginação, tendo ambos criticado teorias empiristas e intelectualistas, o papel da psicologia, e confrontaram teorias de autores como Descartes, Hume. Dito isto, apresentaremos

algumas ideias a partir de alguns de seus trabalhos tendo como objetivo perceber nuances das análises dos dois filósofos, procurando características semelhantes e diferentes.

A “análise” descritiva de M. Merleau-Ponty

Merleau-Ponty advertiu que sua fenomenologia não era um tipo de análise, mas “*tentativa de descrição direta de nossa experiência tal como ela é*”². O autor defendeu que a fenomenologia deveria apenas descrever, “*não se trata de explicar ou analisar*”³. Ao afirmar que não era análise, mas apenas descrição da experiência, Merleau-Ponty lembra de ser isso “*a primeira ordem que Husserl dava à fenomenologia iniciante de ser uma “psicologia descritiva” ou de retornar “às coisas mesmas” é antes de tudo a desaprovação da ciência.*”⁴ Se compreendemos a natureza desse tipo de descrição que faz Merleau-Ponty, percebemos melhor a distinção entre análise e fenomenologia para este autor. O próprio autor escreve que no retornar às coisas já estaria implícito alguma significação diferente da ciência e a negação de uma linguagem objetiva.

A linguagem descritiva de Merleau-Ponty ao lidar como o fenômeno da percepção faz o uso de uma descrição tanto em primeira como em terceira pessoa, num mesmo parágrafo o autor escreve “minha experiência” e logo depois “o corpo que percebe”.⁵ Isso porque o autor entende a ambiguidade de se falar a partir da descrição da experiência do corpo próprio e do filósofo que analisa tal experiência. Há a tentativa de descrição de mostrar como percebemos, para entendermos o conceito de percepção, e o perceber. Merleau-Ponty contesta Husserl escrevendo que a noção de essência não seria o objetivo da análise final da fenomenologia, mas um meio, uma vez “*que nosso engajamento efetivo no mundo é justamente aquilo que é preciso compreender o conduzir ao conceito e que polariza todas as nossas fixações conceituais.*”⁶ Merleau-Ponty também defende que não há possibilidade de entender a facticidade quando se está nela, é preciso passar para o campo da idealidade, a linguagem. Para os fenomenólogos parece mais difícil o anti-psicologismo da linguagem, justamente por entenderem a ambiguidade entre objeto e

² Merleau-Ponty, M. Prefácio, *Fenomenologia da Percepção*, p. 1.

³ *Ibid.*, p. 3

⁴ *Ibidem.*

⁵ *Ibid.*, p. 441

⁶ *Ibid.*, p. 11

sujeito, objetivo e subjetivo, quero dizer que por isso transitam entre enunciados feitos em primeira e terceira pessoa.

Merleau-Ponty está ciente que uma mesma noção, por exemplo a de consciência não possui os mesmos significados, “há numerosas significações que contribuíram para determiná-la no decurso da evolução semântica da palavra.”⁷ Para o autor o sentido da palavra ou do conceito podem ser vistos na linguagem, mas os sentidos aparecem primeiro a partir da experiência “que se medem todas as significações da linguagem, é justamente ela que faz com que a linguagem queira dizer algo para nós.”⁸ Portanto, um conceito não está fechado numa descrição, é um trabalho constante até porque a experiência humana também não é fixa ou transparente para nós. O autor pretendeu acentuar em sua fenomenologia a necessidade de uma noção de significado que é pré-linguagem, algo como o “que as coisas querem dizer”.⁹ Ele explica:

No silêncio da consciência originária, vemos aparecer não apenas aquilo que as palavras querem dizer, mas ainda aquilo que as coisas querem dizer, o núcleo de significação primário em torno do qual se organizam os atos de denominação e de expressão.¹⁰

Deste modo para entender um fenómeno, por exemplo, ao nos perguntarmos o que é a consciência, seria muito mais eficaz para o autor tentarmos entender nossa relação com o mundo, de um modo muito amplo entende a importância deste ancoramento da consciência no corpo, no mundo. Não se trata apenas de apontar que a consciência é incorporada, mas sim mostrar como. Mostrar como é a relação física e espacial do corpo com as coisas e outros corpos, do corpo para si, do corpo no mundo. Para ele, estudos em fenomenologia souberam ressaltar a importância da intencionalidade para entender a consciência. O autor escreve:

Se vejo um cinzeiro no sentido pleno da palavra ver, é preciso que ali exista um cinzeiro, e não posso reprimir essa afirmação. Ver é ver algo. Ver o vermelho é ver o vermelho existindo em ato. Só se pode reduzir a visão à simples presunção de ver se a representamos como a contemplação de um *quale* flutuante e sem ancoragem.¹¹

⁷ *Ibid.*, p.12

⁸ *Ibidem.*

⁹ *Ibidem.*

¹⁰ *Ibidem.*

¹¹ *Ibid.*, p. 500

A descrição da experiência para Merleau-Ponty inclui a noção de consciência pré-reflexiva, e esse ponto parece ser primordial. Por outro lado, o que é pré-reflexivo não é despersonalizado, tampouco é personalizado apenas pelo pensamento. A exemplo do fenómeno da sensação que para o autor não poderia ser descrita como fazem autores que a descrevem de modo neutro, a exemplo de estados mentais, ou até mesmo impressões sensoriais. Ele criticou uma linguagem objetiva demasiado técnica da ciência que faz uso de descrições que suplantam a subjetividade, “*a experiência que temos de nós mesmos*.”¹²

Merleau-Ponty apontou falhas em teorias empiristas e intelectualistas de modo que mostrou como problemas podem ser esclarecidos primeiro se olharmos diretamente para a experiência, a exemplos do uso da noção de juízo, atenção, percepção, em contraste com as múltiplas tentativas de explicações causais da experiência. Ele também recorreu a muitos exemplos de psicologia empírica e também sugeriu, como Husserl, a necessidade de a psicologia fazer uso da descrição fenomenológica. Mas ao usar termos como “sujeito perceptivo, sujeito encarnado, consciência perceptiva, corpo próprio, esquema corporal, sujeitos anônimos da percepção”, noções vistas na *Fenomenologia da Percepção* (1945) entendemos que não se trata de uma descrição de uma linguagem comum da experiência, e parece-nos também um tipo de linguagem objetiva, mas fenomenológica, o que pode soar estranho. Merleau-Ponty ao descrever a experiência teve o intuito de mostrar fenómenos que poderão ser assimilados em alguma de suas noções filosóficas, que são como novos conceitos fenomenológicos. A exemplos de novas noções como esquema corporal, corpo próprio, a noção de situação, função simbólica, quiasma, carne, entre outras que tentam descrever fenómenos, enfim, conceitos fenomenológicos. Ao escrever num mesmo texto em terceira e em primeira pessoa, Merleau-Ponty transita nessa ambiguidade e talvez seja esse um dos grandes problemas provocados pela linguagem característica de fenomenólogos. Neste sentido não se trata de um psicologismo particular, mas de mostrar não apenas a experiência de um eu particular, mas de um nós. Quando o autor não quer suplantam a subjetividade, está preocupado com a intersubjetividade. A fenomenologia de Merleau-Ponty não é apenas uma filosofia revisionista, pois além de examinar outras descrições e linguagens como a de empiristas

¹² *Ibid.*, p. 12

e intelectualistas, é também descritiva por meio de conceitos e noções filosóficas específicas.

A noção de análise em G. Ryle

No trabalho de Gilbert Ryle em geral há a tentativa de clarificação de conceitos e identificação de alguns erros categoriais criados pelo uso da linguagem. Não apenas numa linguagem filosófica, mas também na linguagem comum. Ele analisa de forma lógica algumas experiências linguísticas dependentes de certos conceitos. Quando o autor se debruça sobre o conceito de mente no *The Concept of Mind* (1949) por exemplo, ele revisa as concepções mais correntes vistas na experiência, tentando mostrar numa espécie de cartografia conceitual, o trânsito deste conceito no tráfego permitido pela linguagem. Visto as descrições das experiências linguísticas destes conceitos o autor esclarece erros categoriais, expressões enganadoras, ou seja, seu trabalho é voltado para clarificação da linguagem e análise conceitual. Ryle esclareceu que não tinha nenhuma preferência especial com o uso da noção de análise conceitual, ou da classificação do seu trabalho como análise conceitual:

Não tenho nenhuma objeção especial ou gosto especial pela moda de descrever como 'análise' todo tipo ou tipos de exame conceitual que constituem o filosofar. Mas é totalmente falsa a ideia de que esse exame seja uma espécie de inspeção de garagem de um veículo conceitual de cada vez. Pelo contrário, para colocá-lo dogmaticamente, é sempre um exame de inspeção de tráfego, uma cadeia de tráfego conceitual, envolvendo pelo menos dois fluxos de veículos vindos de teorias, ou pontos de vista ou lugares-comuns que têm objetivos opostos entre si.¹³

Para entender o conceito de imaginação era preciso tentar entender como é o imaginar. Podemos perceber que o autor esteve preocupado muito mais com problemas de linguagem. A sua noção de cartografia conceitual pode ser considerada o mapeamento e análise destes “fluxos de veículos” que poderiam ser as palavras, verbos, frases e o que significam, como são usados e em que medida é possível clarificá-los.

É interessante notar que Ryle também ofereceu uma análise da noção de fenomenologia, e apontou que o nome dado não é por que esta trata dos fenómenos no nível sensorial, pois para o autor se assim fosse seria melhor descrito como

¹³ Ryle, G. *Dilemmas*, p. 31-2.

fenomenalismo. Para ele a fenomenologia não é senão outro nome para psicologia.¹⁴ Ryle argumenta que a fenomenologia investiga conceitos similares aos da psicologia empírica.¹⁵ Para Ryle, “*Husserl usa o termo “Fenomenologia” para denotar a análise de tipos básicos do funcionamento do mental.*”¹⁶ Por outro lado, Ryle aponta que é um tipo de análise realizado desde Platão e Aristóteles. E ao longo da história sempre houve vários trabalhos similares. Segundo o autor também é possível concluir que vários filósofos ao tratarem de conceitos mentais estão tentando responder a perguntas fenomenológicas. Consideramos que o trabalho de Ryle poderia também ser visto como uma espécie de fenomenologia da linguagem, mas não podemos rotular o trabalho deste autor deste modo. Como vimos, a partir da análise do que seria a fenomenologia para Husserl, Ryle investigou e analisou a própria ideia de fenomenologia. E foi neste momento que Ryle conheceu Merleau-Ponty, ao tentar clarificar a própria noção de fenomenologia e sua perspectiva para fenomenólogos e outros filósofos analíticos no Colóquio em Royaumont (1958).

O encontro em Royaumont: Fenomenologia *versus* Filosofia Analítica.

Quando Ryle e Merleau-Ponty tiveram a oportunidade de se encontrar no Colóquio em Royaumont (1958) nomeado *La Philosophie Analytique* foi uma reunião entre filósofos analíticos e fenomenólogos. A comunicação de Ryle intitulava-se “*La Phenomenologie contre The Concept of Mind*” e Merleau-Ponty seria o comentador. Ryle já havia analisado a noção de fenomenologia em 1932 num ensaio crítico intitulado “*Phenomenology*” e em Royaumont continuou tal análise comentando o trabalho de Husserl, sobre a noção de fenomenologia e também o seu trabalho em *The Concept of Mind* (1949). Em sua apresentação Ryle afirmou que foi importante Husserl ter exigido dos psicólogos maior clarificação dos conceitos que lidavam. Para ele, estava claro que a fenomenologia lidava com a análise de conceitos mentais, mesmo usando expressões como “busca das essências”. Ele caricaturou um pouco a fenomenologia e os interesses de Husserl apontando que por muito tempo que ele esteve concentrado em tratar conceitos próprios da filosofia da mente. Ryle criticou mesmo o fato de Husserl ter defendido a

¹⁴ Ryle, G. *Phenomenology* In: *Collected Papers, Critical Essays*, Vol. 1, p. 174.

¹⁵ *Ibid.*, p. 175.

¹⁶ *Ibidem*.

filosofia da mente como uma ciência mestra perante as outras. E confrontou esta posição argumentando que não faz sentido comparar a filosofia com a ciência.

Para Ryle a fenomenologia também não é pesquisa empírica, e o que autor entende como pesquisa empírica é correlacionado com o trabalho da ciência empírica como biologia ou química. Ryle defendeu que se realmente há alguma área que é mais importante que as demais da filosofia deveria ser a lógica, pois é a única que deve estar presente em todos os raciocínios. O autor destacou que a filosofia continental não é tão preocupada com o desenvolvimento dos estudos da lógica. E defendeu que talvez seja este o abismo entre filosofia anglo-saxônica e continental.

Para Ryle a investigação conceitual feita em Cambridge naquela época, sublinhava que um conceito é aquilo que pode ser significado por uma palavra ou frase.¹⁷ Lembrou da análise feita por Russell e Wittgenstein que desenvolveram o trabalho de lidar com conceitos não de forma isolada, mas em frases. O autor sugere que o padrão de explicação seja substituído, pois a análise conceitual não deve estudar o significado de um conceito apenas visando um conceito por si mesmo, uma vez que *“a tarefa é sempre investigar o modo operante de todos os fios da teia de aranha dos conceitos interfuncionais.”*¹⁸ Portanto, ao analisar um conceito, o de imaginação, por exemplo, Ryle sugeriu que este se encontra interligado com tantos outros, e para ele *“questões conceituais são questões interconceituais.”*¹⁹

Segundo Ryle para sabermos o que é um conceito é preciso tentar descrever como o usamos na linguagem. Ele ressaltou que o filósofo ao tentar descrever conceitos, como por exemplo o conceito de prazer ou existência, tem de dizer o que é prazer e existência.²⁰ Ainda assim há para o autor muitos problemas com essas tentativas de descrição:

Mas por meio de nenhuma magia o verbo vivo “divertir” ou o verbo vivo “existir”, podem se tornar sujeitos gramaticais (exceto entre aspas) de verbos vivos. A descrição do filósofo de um conceito está fadada a terminar numa gagueira. O sonho platônico de uma ciência descritiva das Essências foi destruído. O sentido de uma sentença e, com isso, os sentidos auxiliares de suas partes não são coisas descritíveis. Eles não são descritíveis, pois não são coisas.²¹

¹⁷ Ryle, G. “*Phenomenology versus “The Concept of Mind”*” In *Collected Papers*: vol. I, p. 189.

¹⁸ *Ibid.*, p. 196.

¹⁹ *Ibidem.*

²⁰ *Ibid.*, p. 195.

²¹ *Ibidem.*

Quando se trata do conceito da percepção, claramente é um conceito não de uma coisa, mas da experiência da percepção. Deste modo Ryle mostra que a análise conceitual tem de passar para uma descrição experiencial destes conceitos. O próprio Ryle quase dez anos depois de escrever sua obra *The Concept of Mind*, tentou em sua apresentação no Colóquio Royamont mostrar algumas das dificuldades que enfrentou com a tentativa de descrição e clarificação de noções importantes para filosofia da mente, a exemplo do conceito de mente, sensação ou imaginação. Ele já previa que os fenomenólogos ali se identificariam com suas análises no *The Concept of Mind*, e parece-me que é por convergir com a compreensão que a investigação de noções passa pelas descrições das experiências. Ele adiantando tal aproximação aponta que talvez o seu livro poderia ser visto como “*um ensaio em fenomenologia, se está à vontade com o termo*”.²²

As descrições de Ryle não são realizadas em primeira pessoa, mas em terceira pessoa. Enunciados em primeira pessoa para o autor não são expressões de conhecimento, nem sequer razões.²³ Em declarações em primeira pessoa o autor afirma que “*a localização conceitual ainda não foi fixada; assim, as localizações dos conceitos de consciência e autoconsciência permanecem indefinidas; então, o que é transmitido por “eu”, “você” e “ele” permanece indefinido.*”²⁴ Ryle esteve atento às diferenças do comportamento dos verbos e conceitos de ação, o que se estendeu aos verbos que usamos como operações intelectuais, atos mentais.

Ao comentar sobre o trabalho apresentado por Ryle, Merleau-Ponty aponta que concordava com alguma aproximação metodológica. Concedeu sobre as distinções entre investigações conceituais e factuais. Expressou dúvidas se Ryle, como outros ingleses ali presentes entendiam que a significação seria sempre sinónimo de significação verbal, e se Ryle defende que os significados são primitivamente linguísticos.²⁵ Entendeu que ambos concordavam da insuficiência da análise conceitual puramente linguística para a compreensão de conceitos, era preciso recorrer à experiência. Merleau-Ponty comentou que Ryle ao analisar um conceito, a exemplo do conceito de imaginação, entendeu que

²² *Ibid.*, p. 196.

²³ *Ibid.*, p. 203.

²⁴ *Ibid.*, p. 204.

²⁵ Ryle, G. Comments Concerning G. Ryle, “La Phénoménologie Contre The Concept of Mind”, p. 255.

sua análise não foi completamente linguística, pois “*busca a experiência que temos do termo imaginário.*”²⁶ E acrescenta:

E essa experiência é silenciosa. Ele refere-se a essa experiência antes de sua formulação verbal. E ele tenta, precisamente como um filósofo, para formular verbalmente uma experiência que ainda não foi inserida numa forma proposicional. Eu estou errado ou o Sr. Ryle concorda?

Sobre a noção de significado afirmou que restringiu ao máximo sua concepção. Para ele, um significado é possível de ser identificado por uma expressão verbal até certo ponto, mas quando se estende a exemplos, surgem problemas. O ponto de Ryle é que não estava disposto a investigar o significado de modo mais amplo como fazem os fenomenólogos, seja nas coisas ou nas experiências diretamente. Ele respondeu que restringiu sua noção de significado: “Quanto a saber se o halo da lua, ou uma pilha de nuvens negras no horizonte, significa chuva para amanhã, não é uma questão de interesse para a filosofia.”²⁷ Ademais, sobre a criação de novos significados, o autor não faz nenhuma objeção e afirma que o arsenal de significados que possuímos não é o mesmo que nossos ancestrais, criamos conceitos e também significados.

Considerações finais

A metodologia usada por Ryle e Merleau-Ponty trata de vários problemas filosóficos comuns, mas se diferenciam atendendo à maneira como abordam a experiência. Ryle debruça-se à experiência da linguagem, das expressões, verbos, e Merleau-Ponty quer descrever a experiência em relação com as coisas e o com o mundo.

A linguagem de Ryle não é uma linguagem fenomenológica, é bem mais neutra e busca descrever a experiência de conceitos a partir também através do uso de uma linguagem comum. Ryle pareceu mais preocupado em corrigir erros de descrições destes conceitos, tentando identificar os diversos trânsitos destes conceitos na linguagem e de certo modo analisá-los e clarificá-los. Merleau-Ponty defende a insuficiência da análise da linguagem para a clarificações de conceitos, para ele o significado não é conhecido pela análise da linguagem, exclusivamente. A linguagem fornece para o autor um tipo de

²⁶ *Ibid.*, p. 257.

²⁷ Ryle, G. *Cahiers de Royaumont, Philosophie N8 IV: La Philosophie Analytique*, p. 96.

significado após a experiência, mas antes há um significado pré-linguístico e vivido na própria experiência, e talvez seja por isso que seus últimos escritos sejam um tipo de ontologia.

As duas metodologias distintas se confrontam por que Ryle está mais focado no papel da linguagem que para ele é importante para o filósofo tentar clarificar. E Merleau-Ponty entende que o significado não se revela apenas pela linguagem. As duas abordagens filosóficas se beneficiaram no sentido de que a descrição de um conceito, ou sua fenomenologia se tornaria muito mais completa se reunisse tanto a abordagem fenomenológica da linguagem com o uso da lógica como também mais fenomenalista.

Referências bibliográficas

AA. VV. *Cahiers de Royaumont* [Philosophie N°8, IV]: *La Philosophie Analytique*. Éditions du Minuit, 1962.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Martins Fontes. (Publicado pela primeira vez em 1945, Gallimard.) 2ª ed., 1999.

RYLE, G. “La Phénoménologie contre The Concept of Mind.” In AA. VV. (1962) *Cahiers de Royaumont* [Philosophie N8 IV]: *La Philosophie Analytique*, Éditions du Minuit, 1958. pp. 85-104.

_____. *The Concept of Mind*. Routledge. (Publicado pela primeira vez em 1949, Hutchinson.) 2009.

_____. “Phenomenology versus *The Concept of Mind*”. In Ryle, G., *Collected Papers. Vol. 1: Critical Essays*. Routledge, 2009. pp. 186-205.

_____. *Dilemmas*, The Tarner Lectures. Cambridge, 1964. pp. 31-2.

Recebido em: 30/06/2021 | Aprovado em: 19/05/2022